

Editorial

Ao longo das 12 edições anteriores de *Música Popular em Revista*, a canção popular vem marcando forte presença como objeto de estudo das autoras e dos autores dos textos publicados conosco. Por sua vez, as publicações ligadas à música instrumental têm aparecido de forma mais tímida. Em parte, essa temática ganhou certo fôlego com a publicação, no primeiro semestre de 2019, do “Dossiê temático sobre o choro”, organizado por Pedro de Moura Aragão, que havia sido editor de nossa revista entre 2015 e 2017. Posteriormente, no segundo semestre desse mesmo ano, outros estudos sobre música instrumental foram publicados no dossiê “Música popular nordestina e mercado (1950-2010)”, organizado por Eduardo de Lima Visconti e Gustavo Alonso.

Entretanto, entendemos que seria possível fomentar ainda mais a publicação de textos ligados à música instrumental. Para isso, fizemos duas chamadas de textos, uma delas voltadas para a **Música instrumental** de maneira ampla, e outra ligada especificamente à **Improvisação**. As submissões ligadas ao primeiro tema foram acompanhadas pelas editoras convidadas **Maria Beatriz Cyrino Moreira**, professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), e **Thais Lima Nicodemo**, professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Por sua vez, os textos relacionados à temática da improvisação foram supervisionados pelos editores convidados **Cliff Korman**, professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e **Fabiano Araújo Costa**, professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Embora com diferentes trajetórias e com diferentes tempos de atuação, tratam-se de pesquisadoras, pesquisadores e docentes já (re)conhecidos em suas respectivas áreas de atuação, de modo que sua parceria com nosso periódico foi inestimável! Assim, aproveitamos a oportunidade para expressar a essas pessoas nossos mais sinceros agradecimentos pela valiosa colaboração na construção desta edição!

Cabe registrar aqui que a presente edição foi produzida ao longo deste ano em que fomos atravessados pela trágica pandemia do Covid-19. Neste contexto, mi-

lhões de vidas mundo afora foram abreviadas, incluindo-se pesquisadoras, pesquisadores, músicos e musicistas. Portanto, aproveitamos também para expressar o nosso sentimento de luto por todas essas pessoas de quem tivemos que nos despedir, bem como a nossa solidariedade àquelas e àqueles que perderam pessoas próximas. Fazemos votos de que consigamos, enquanto sociedade, superar essa grave crise de saúde e que a Música esteja ao nosso lado, para nos amparar e dar forças para enfrentar os desafios de nosso tempo.

A pandemia trouxe consigo a necessidade de se praticar o distanciamento social, entendido enquanto única forma imediata de se combater o vírus. Isso certamente alterou profundamente a rotina de trabalho de todas as pessoas, incluindo-se das pesquisadoras e dos pesquisadores. Repentinamente, ficamos afastados de nossos locais de trabalho, dos laboratórios, das bibliotecas, dos arquivos, além de ficar distanciados fisicamente de colegas pesquisadores. Isso levou à necessidade de se criar novas estratégias de comunicação, de interação e de investigação, bem como de adaptar os lares para se tornarem, também, espaços de estudo e de pesquisa.

Portanto, é enorme a nossa alegria em concluir esta edição de *Música Popular em Revista*, pois a publicação representa todo um esforço coletivo, que abrange, além das editoras e dos editores convidados já mencionados:

- as autoras e os autores dos textos submetidos à revista, que se empenharam em pesquisar, produzir e colaborar conosco;

- os pareceristas que, com seriedade e comprometimento, avaliaram as submissões que recebemos;

- a equipe do Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP, em particular ao bibliotecário Gilденir Carolino Santos, que encontrou formas de nos dar, mesmo remotamente, o suporte técnico necessário para continuarmos nosso trabalho editorial;

- o nosso Assistente Editorial, Luiz Guilherme Sanita, que colaborou ativamente na revisão e na elaboração do *layout* final dos arquivos, além de ser o autor da capa da edição;

- a estudante Maria Carolina Cadamurro, licencianda em Música pela UFSCar, que também cooperou no *layout* dos arquivos.

A todas e todos vocês, agradecemos pela dedicação!

A edição deste ano de 2020 se inicia com a colaboração de **Virginia de Almeida Bessa, Giuliana Souza de Lima e Juliana Pérez González**, que traduziram a introdução do livro *O passado audível*, de Jonathan Sterne. Nessa introdução, Sterne apresenta alguns aspectos centrais de seu livro que, segundo o próprio autor, contaria uma história “em que som, audição e escuta são centrais para a vida cultural da modernidade, fundamentais para as modernas formas de conhecimento, cultura e organização social” (p. 3). Além disso, o texto traz uma densa discussão teórica, mobilizando autores consagrados em diferentes campos do conhecimento, para abordar temas como audição, meios técnicos de gravação, modernidade e natureza. Tendo em vista que a música gravada costuma ser o principal objeto dos estudos em torno da música popular, entendemos que esta tradução se mostra bastante relevante para a área.

Na sequência, são apresentados os artigos das chamadas temáticas sobre Música Instrumental e Improvisação, devidamente precedidos e apresentados pelas editoras e pelos editores que colaboraram com nossa edição. Além dos comentários sobre cada artigo, os textos de apresentação ainda trazem discussões e reflexões de caráter teórico e histórico sobre as temáticas, configurando-se como mais uma contribuição para a área da Música Popular.

Finalizam o volume outros quatro artigos com assuntos diversificados, cujos objetos de estudo não se vinculam às chamadas temáticas. No primeiro deles, **Marco Gérard, Tassio da Rosa Ramos e Almir Côrtes** examinam a performance de Gilberto Gil da canção “Filhos de Gandhi” apresentada em seu show realizado em 1973 na Escola Politécnica da USP. As análises destacam os traços estilísticos da interpretação de Gil ao violão, em especial sua maneira de realizar a “levada” do ijexá no referido instrumento, bem como as articulações que se estabelecem com o seu canto. O artigo traz ainda informações sobre o grupo de afoxé Filhos de Gandhi, que é retratado na canção de Gil, e algumas considerações sobre o *happening* que o intérprete realiza durante sua apresentação.

Na sequência, **Marilda de Santana Silva** se volta para as vozes de Clementina de Jesus e de Sandra de Sá. Trata-se de cantoras de diferentes contextos históricos

e também vinculadas a distintos gêneros musicais, mas que se configuram como intérpretes negras e mulheres que, de diferentes maneiras, expressam essa condição em sua produção artística. Tais aspectos são desvelados pelo artigo de Silva, que traz uma síntese das trajetórias dessas duas cantoras, evidenciando a presença das questões de cor, gênero e classe social.

O artigo de **Joêzer Mendonça** e **Gabriela Araújo Fernandes**, por sua vez, volta-se para a canção popular no contexto do audiovisual. Para isso, discorre sobre o conhecido cantor, violonista e compositor Sérgio Ricardo, mas com foco em três filmes que este dirigiu, a saber: *A Noite do Espantalho*, *Esse Mundo é Meu* e *Juliana do Amor Perdido*. As análises de Mendonça e Fernandes se voltam para a dimensão política e para o tratamento dado às canções incluídas nestes filmes, revelando as estilizações nelas presentes, bem como suas articulações com a narrativa fílmica.

Por fim, **Leilor Miranda Soares** examina as noções de felicidade que emanam de duas gravações de Tom Zé, a saber: a canção “A felicidade” (Tom Jobim / Vinicius de Moraes) e “Vai (menina amanhã de manhã)” (Tom Zé / Antônio Perna Fróes), ambas lançadas em seu disco *Estudando o samba*, de 1976. A partir da análise desses fonogramas, em conexão com informações sobre o contexto histórico da década de 1970, Soares traz reflexões sobre a resignificação que Tom Zé opera em relação à esperança na modernização da geração da bossa nova, algo que se dá em conexão com o Estado autoritário brasileiro do pós-1964 e com a consolidação da indústria fonográfica no Brasil.

Um último aspecto a ser comentado se refere ao processo de avaliação de *Música Popular em Revista*. A cada edição, temos percebido que nossos pareceres estão cada vez mais cuidadosos, minuciosos e rigorosos¹. Certamente, isso é expressão do já mencionado comprometimento de nosso corpo de pareceristas, a quem novamente agradecemos. Porém, isso também pode ser tomado como sintomático de uma consolidação cada vez maior da Música Popular enquanto um campo acadêmico. Nesse sentido, o rigor dos pareceres acompanha o estabelecimento de referenciais teóricos e de

¹ Esse zelo nos pareceres ocasionou, por sua vez, um número relativamente elevado de reprovações. Ao longo do ano de 2020, *Música Popular em Revista* recebeu 36 submissões, sendo que 17 estão publicadas no presente número, outras 6 ainda estão em processo de revisão e serão publicadas futuramente, e 13 delas foram reprovadas, resultando em uma taxa de rejeição de 43%.

procedimentos metodológicos nas pesquisas que tomam a música popular como objeto de estudo. Esperamos que esse nosso campo de estudos siga se desenvolvendo e alegremo-nos por entender que a *Música Popular em Revista* também se coloca como um espaço para favorecer esse desenvolvimento!

Boas leituras!

Martha Tupinambá de Ulhôa (UNIRIO)
Rafael dos Santos (UNICAMP)
Editores

Adelcio Camilo Machado (UFSCar / UNICAMP)
Editor-Executivo